

**CAVRELL, Holly.** Corpo na Rua, Campinas, Unicamp. Professora Pesquisadora do Departamento de Artes Corporais, Unicamp; Professora e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena - IA - Unicamp.

**Resumo:** Este é um texto que descreve as atividades de 3 Mestrandos, 1 Doutorando e sua orientadora que como grupo experimentou um formato híbrido de apresentar suas pesquisas e discutir os conceitos e experiências com o público. Esta mesa foi apresentada em duas partes demonstrando as pesquisas do grupo tanto na prática quanto na teoria.

Palavras chaves: intervenção, a Rua, Interdisciplinaridade

**Abstract:** This text describes the activities of 3 Master students, 1 Doctorate student and their program advisor. This group experiment was presented as a hybrid format which both showed and discussed their research and was presented in two parts demonstrating the group's practical and theoretical research.

Key Words: intervention, the Street, interdisciplinary

### **Corpo Na Rua**

Líder do Grupo: Holly Elizabeth Cavrell

Roteiro da palestra e das práticas:

(Texto de Apresentação)

Boas vindas! Temos um cardápio que queremos compartilhar com vocês. Consiste de duas partes para as pesquisas de grupo: a prática e a teórica. Cada um fará uma pequena intervenção e no final voltaremos conversar. Neste momento não tenho nada a declarar então vou deixar vocês, querido público, nas mãos dos meus orientandos. Comportem-se, OK?

(Holly sai e vai para seu espaço externo. Grupo bagunça o espaço. Paulinha dá uma explicação do jogo das palavras a escrever na parede. Em seguida, as pessoas serão instruídas a observar ela pelas janelas)

Cardápio entregue ao público:

Holly Cavrell – Passagem de tempo lá fora

Paula D’Ajello: vídeo na bicicleta – como organizar o inesperado

André Sarturi: Trajetos pessoais- pontos na memória

Fausto Ribeiro: quebrando e resumos

Maitê Lacerda: Campo Expandido – Dando nome aos bois.

Entre a primeira fala e a que segue, o grupo apresentou práticas que conectavam suas pesquisas ( nomeadas no cardápio acima), ao interesse

comum ao grupo - pensar modos de criar ações coreográficas para fora do palco.

( Quando voltamos na sala)

Para citar Martha Graham em seu filme de 1957 *A Dancer's world* (o mundo de uma dançarina) : Dançar é sentir "o terror e o desafio", é isso que aplico quando me refiro ao que se pode sentir indo para a rua. É sobre a exposição vulnerável do corpo, é sobre risco, mas também é sobre libertação.

Pesquisei a palavra-chave no catálogo da Biblioteca usando o termo "site-specific", e encontrei 555 itens, entre os quais são específicos do site de arte, instalação e performance. A palavra-chave mais específica "dance site-specific" encontrei 124 itens, incluindo livros, fitas de vídeo e DVDs. Ressalto que a biblioteca, Divisão de Dança, em NY, na verdade, usa o assunto "performance site-specific" em sua catalogação. Usando esse assunto, eu encontrei 85 itens. Então pelas pesquisas podemos deduzir que essa expressão e ação artística já está bem instalada em nosso âmbito.

Quando meu grupo de pesquisa (Cia. Domínio Público) e eu começamos a fazer danças fora de teatros, pensei nelas como danças "ambientais". Isto é, elas foram realizadas em vários tipos de locais alternativos que não eram salas ou teatros de dança convencionais. A intenção das obras não foram para criar um site-specific, embora algumas ideias que conectem o espaço e seu uso têm similaridades. **Site-specific art** surgiu como uma reação de artistas modernos à situação do mundo, pois os objetos de arte moderna eram transportáveis, nômade, só poderia existir no espaço do museu e foram os objetos do mercado e mercantilização. Desde 1960, os artistas estavam tentando encontrar uma maneira de sair desta situação e, assim, chamou a atenção para o local e o contexto em torno deste site. A obra de arte foi criada no local e só poderia existir em tais circunstâncias - não pode ser movido ou mudado. Site é um local atual, que compreende uma combinação única de elementos físicos encontrados no lugar. Na verdade, alguns dos meus trabalhos poderiam ser descritos como *site-não-específico* porque eles poderiam ser adaptados para vários locais em vez de exigir um único lugar específico. E eu gosto quando cada novo espaço transforma o trabalho ou provoca os artistas a reagir de forma diferente e assim propor coisas novas.

Também as pessoas são forçadas a olhar e apreciar o espaço de forma diferente. Pode ser através da dança, ou apenas a forma como a energia do performer se mistura com o ambiente, que somando modifica a maneira como o espectador repara o espaço. Na verdade, estamos olhando mais para o espaço como um todo em vez de contemplar a dança ou performance como um elemento encaixado no ambiente. Olhamos mais como os corpos

se misturam com a paisagem, e isso acaba inserindo mais vida nos objetos, nos transeuntes e na arquitetura do lugar.

Ao quebrar o uso convencional de palco têm vários momentos na história que não apenas se referem apenas a dança. Os anos 1960 marcaram um período de reavaliação de como fazer dança e o processo passou a ser considerado mais importante do que o resultado final. Os artistas começaram a experimentar estilos mistos, combinando diferentes tipos de música e principalmente explorando outros lugares para a dança, como museus, parques, galerias, e assim por diante. As apresentações do Judson Dance Theatre e, mais tarde, do Grand Union, levaram a dança a patamares que desafiavam a definição da arte que marcou o início da performance como instrumento de intervenção. Os temas que instigaram essas pessoas eram políticos, sociais e culturalmente conectados. Assim, foram colocados em questão *o que se dançava, onde se dançava, como se dançava*, e também *quem* podia dançar.

E aí, quais são os contextos de hoje? Estamos vivendo momentos altamente políticos, e o corpo é insurgente. As massas que vão para rua estão determinando o indivíduo, porque parecem que estamos interessados em números: em quantas curtidas recebemos no facebook, em quantos bilhões de reais foram desviados. As multidões nos fazem poderosos, embora ao final das contas, somos todos carne e sangue, só organizados diferentemente. E qual é nosso objetivo quando estamos na rua, é união ou ruptura?

Em uma tentativa de lidar com a definição de identidade e dos limites do comportamento diário e normas sociais, olhamos particularmente para o que nos define e o que não. O que é o corpo, senão uma coleção de identidades que usam as práticas do corpo para especificar um método de compreensão de uma identidade cultural. A rua agora é um dos fatores que nos define porque, afinal, a dança é sobre o movimento ou sobre o corpo? Como disse a Veronica Fabrini, Professora Doutora das Artes Cênicas, “O corpo é visto como território e o território como corpo”. Cobia à perspectiva de cada espectador.

No mundo da dança, coreografia, no sentido tradicional, refere-se à ideia que um único artista tem para uma dança e como aquele artista vai treinar uma companhia de bailarinos, assim eles terão um estilo unificado, o que reflete o estilo idiossincrático do artista. Eu não gosto de usar esse termo coreografia referindo ao trabalho na rua, porque eu não gosto de criar desta forma codificada. Eu gosto de usar o termo partitura ou roteiro para descrever como preparo um trabalho de dança para a rua ou espaços não convencionais.

Qual é o nosso objetivo em sair para rua? A rua faz com que o nosso movimento se torne mais poderoso quando o corpo se mistura com o ambiente político social e seus sistemas hegemônicos. As danças não permanecem estáticas, elas são entidades fluidas. Movimentos são transmitidos, corpo a corpo, onde o transeunte é também coautor desta intervenção urbana. Pois dança na rua é sobre a presença, um estado de consciência e experiência intensificada para o performer, sem a previsibilidade que rege muita dança de palco. A experiência de rua é difícil de reproduzir, e precisa ser espontânea e re-imaginada.

Agora vou fazer uma pergunta para cada um, que preparei de acordo com a pesquisa de cada um.

- Por que o dançarino opta por deixar espaços convencionais para ir atrás de outras opções, como a rua ou locais incomuns?(Paula)
- O que incomoda no uso da palavra “ espaço alternativo” enquanto descreve outros espaços além do palco? (Maitê)
- Cada um de nós tem uma relação diferente com a escolha das ações que fariam nos espaços. (Por isso gosto trabalhar com roteiros, que permite bastante liberdade, e não coreografias. ) Como construir suas ações em espaços novos? O espaço se modifica? (André)
- O que você faria quando chega em um espaço novo, fala dos procedimentos que usa? (Fausto)

Respostas do grupo

Cito as razões pessoais para a escolha de outros espaços além do palco:

- expande as opções coreográficas;
- faz ou escolhe outras fronteiras;
- Nossos corpos e cérebros são inspirados por novos lugares.
- Uma espécie de novo parque infantil é explorado;
- A dança não tem de ser tão limpa e arrumada. Não temos a obrigação de executar corretamente uma coreografia, pois o movimento pode ser modificado naturalmente de acordo com o ambiente e os contextos;
- não há paredes, e sem espelhos – teremos outros objetos para explorar;
- há uma nova apreciação para a maleabilidade e *soundlessness* (silêncio) da dança em que podemos explorar outros sons no ambiente.
- Quando você ouvir que uma dança é definida em um espaço fora do teatro, você vai se alegrar ou xingar?

Agora é com o público...

Referencias:

CAVRELL, H.E. *Dando Corpo à História*, Editora Prismas, Curitiba/PR, 2015  
Palestra “ O Descolonialismo na Pesquisa em Artes: Fala da Veronica  
Fabrini, 02 de agosto de 2016.